

BOQUEIRÃO
de acaso a comunidade

CECÍLIA NEVES KAPPLER VAZ

**BOQUEIRÃO:
de acaso a comunidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie
como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

ORIENTADORA: Prof.^a. Dr.^a. Ana Gabriela Godinho Lima

São Paulo
2018

*Ao Bruno, pelo amor e amizade que me renovam a cada dia;
ao Quinteto Fantástico, pelas risadas e companheirismo;
à minha família, pelo apoio e incentivo desde sempre.*

Agradecimentos

Por este trabalho ter sido baseado nas vivências e conversas que tive com as pessoas envolvidas com o Boqueirão, não posso deixar de dizer o quão grata sou pelo que aprendi com cada um deles. Rudinei, Maria, Aliomar, Luciano e Patrícia, obrigada pela colaboração e por terem sido tão receptivos.

Também é preciso agradecer às crianças. Sim, crianças. Crianças aqui ditas como um todo, englobando as de hoje, as que passaram ou as que estão por vir. O mundo é mais belo graças a vocês. Sua vontade de aprender e fascínio pelas coisas é algo que sempre me surpreende e encanta. Obrigada por serem o que são.



Violência

Até os dias de hoje nem muita coisa mudou

Desrespeito e abandono por causa da nossa cor

Preconceito, maus-tratos e abuso infantil

Hoje em dia camburões no passado navios

Antigamente senzalas, que pra nós são favelas

Policiais matam crianças brincando de pega-pega

Pois temos muito pra falar! Quem xinga não gosta de ouvir!

Quem bate não quer apanhar!

Violência não pode existir!

O que fazemos pra mudar o mal que acontece aqui?

Pessoas não querem parar...

Violência não pode existir!

Música escrita pelas crianças do CCA Izaura Maria da Conceição

(HelipaMusic 2017)

Resumo

Este trabalho é um estudo da Comunidade do Boqueirão, na zona sul de São Paulo, seguido por proposta de intervenção projetual que visa suprir a falta de equipamento de lazer e convivência comunitária no local.

Por meio de dados, mapas, fotografias e relatos pessoais, é feito um mapeamento dessa pequena comunidade no Cursino.

Estruturado em 4 capítulos, este trabalho trata respectivamente sobre a COMUNIDADE, as AÇÕES que ocorrem no local, as PESSOAS que atuam na área e, por fim, o PROJETO pensado para atender essa população.

Palavras-chave:

comunidade, Boqueirão, São Paulo, cidade, ocupação irregular

Abstract

This paper is a study about the Boqueirão slum, in the south zone of São Paulo, followed by a project intervention proposal that intends to supplement the lack of an equipment for leisure and community coexistence in the area.

A mapping of this small community in Cursino is done based on data, maps, photographs and personal reports.

Structured in 4 chapters, this paper deals respectively with the COMMUNITY, the ACTIONS that take place there, the PEOPLE who work in the area and, lastly, the PROJECT thought to attend this population.

Keywords:

community, Boqueirão, São Paulo, city, informal settlements



Sumário

Introdução	17
Comunidade.....	19
O contraste com o entorno.....	20
Crescimento da Comunidade.....	22
A autoconstrução	28
O risco do despejo	32
Rua como extensão da casa.....	34
Ações	39
Sobre o direito do brincar.....	39
UNAS (União de Núcleos, Associações dos moradores de Heliópolis e Região)	41
CCA (Centro para Criança e Adolescente)	43
Núcleo Macabéa (grupo de teatro)	48
Comunicação e cidadania	50
Pessoas	53
Maria Aparecida Fernandes.....	54
Patrícia Ramos	62
Rudinei Borges	66
Projeto	71
Conclusão.....	93
Referências bibliográficas	94

Introdução

Quando se fala sobre favelas em São Paulo logo pensamos em Heliópolis ou Paraisópolis. De fato, esses exemplos são grandes fenômenos urbanos, estudados por diversos autores. No entanto, o processo de ocupação irregular não ocorre apenas em escala avantajada como a das comunidades citadas, também pode acontecer em tamanho reduzido, como uma verdadeira ilha no meio da cidade. É esse o caso do Boqueirão.

O trabalho que se segue é um estudo dessa pequena comunidade no Cursino, e é estruturado em 4 capítulos, sendo o último referente à proposta de intervenção projetual na área.

Como método de pesquisa foi adotado a análise de dados coletados por instituições de referência, visitas à área de estudo, entrevistas, além da consulta a autores cruciais para o entendimento da dinâmica urbana como Milton Santos, Aziz Ab'Saber e Ermínia Maricato.

Comunidade

Bo.quei.rão

1 Grande boca; bocarra.

2 Grande abertura de rio ou canal.

3 REG (RS) Saída larga para um campo, depois de uma estrada estreita ou de um desfiladeiro.

4 Rua ou travessa que dá para um rio.

5 Garganta estreita em serra, onde corre um rio; bocaina.

6 REG (RS) Área descampada entre duas matas; clareira.

7 REG (BA) Terreno úmido, apropriado para a plantação de cacau.

8 Cova grande e profunda; vala.¹

Como na definição encontrada no dicionário, de “rua ou travessa que dá para um rio”, a rua que configura um dos limites da Comunidade do Boqueirão (Rua Dom Pedro Eggerath) fica voltada para um rio. Trata-se mais precisamente do Córrego Moinho Velho, massa d’água

¹ Definição de “Boqueirão” segundo o portal Michaelis.uol

que foi usada como justificativa para ações de despejo na área por conta do risco de enchente e desabamento.

O contraste com o entorno

Para Alvarez (2008, p. 53) “o processo de crescimento urbano do município caracterizou-se, no século XX, por um alto crescimento demográfico com a rápida expansão da mancha urbana”. Esse crescimento acelerado da população, aliado à falta de estruturação urbana e preços abusivos do mercado imobiliário formal, contribuiu para o surgimento de ocupações irregulares (ALVAREZ, 2008).

Segundo Milton Santos (1982, p.33), “a proximidade física não elimina o distanciamento social”, e é esse cenário que encontramos ao observar a Comunidade do Boqueirão tão próxima às casas de classe média-alta do bairro da Saúde.

Ab’Saber (2004) explica que a demanda habitacional é um dos problemas enfrentados nas cidades, sendo uma das soluções encontradas pela população a de ocupar

terrenos mal fiscalizados, particulares ou públicos, para a construção de sua moradia. Quanto mais próximo à região central da cidade melhor, por conta da maior oferta de trabalho e acesso a serviços. Isso ocorre no caso do Boqueirão.

Localizada no distrito do Cursino, a Comunidade do Boqueirão está inserida no bairro da Saúde, reconhecido por apresentar bons indicadores sociais, o que o qualifica como área de baixa vulnerabilidade.

Apesar disso, o Boqueirão contrasta com essa realidade, sendo classificado com grau 6 de vulnerabilidade social (figura 1), segundo o índice da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE)².

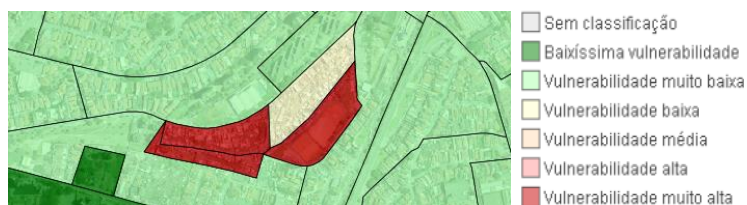


Figura 1 Mapa com Índice Paulista de Vulnerabilidade Social. Ao centro, Comunidade do Boqueirão se destaca. (Fonte: Geosampa. Acesso em agosto de 2017.)

² O Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) varia de 1 (baixíssimo) a 6 (muito alto).

Não podendo chegar até a zona mais central da área interna da metrópole, as favelas se acumulam descontinuamente na zona mais intermediária. Daí porque a zona intermediária apresenta uma coexistência da maior riqueza com a maior pobreza.” (AB’SABER, 2004, p. 232)

Crescimento da Comunidade

Por meio de relatos de moradores da própria comunidade do Boqueirão e dados coletados pelo Habita Sampa³, é possível constatar que a Comunidade do Boqueirão surgiu na década de 1990. Além disso, fotos de satélite evidenciam quão recente é essa ocupação.

De acordo com Santos (1982, p. 54), “a paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos”, e é isso que podemos observar no Boqueirão, com novas construções, reformas e acréscimos a cada dia.

Através dessas fotos vemos que o campo de futebol, Campo Arena Belenense, já existia em 2001 (figura 2) e

³ Fonte: Habita Sampa. Acesso em setembro de 2017.

que as poucas casas que existiam no Boqueirão eram as localizadas ao longo das vias principais da gleba.



Figura 2 Foto aérea do Boqueirão, 2001 (Fonte: Geosampa. Acesso em janeiro de 2018.)

Para Maricato (1996), leis reguladoras da construção no meio urbano como a Lei Lehmann⁴, de 1979, estabeleceram regras de parcelamento e ocupação do solo que encareceram a produção de moradias e restringiram a oferta de habitação para os trabalhadores, contribuindo para a disseminação de loteamentos ilegais pela cidade.

⁴ Lei 6766/79: dispõe sobre o parcelamento do Solo Urbano e dá outras providências (Fonte: Jusbrasil)

Para Bonduki (2002, p.261), as favelas significam “resistência dos inquilinos em deixar as áreas mais centrais e mudar-se para a periferia”.

No ano de 2004 (figura 3) já podem ser observadas casas dispostas de maneira mais irregular na área, mas ainda não ocupando o terreno totalmente.

Esse fenômeno de ocupação irregular se intensificou com o passar dos anos, culminando em uma ocupação muito densa (figura 4), com escassez de espaços livres, arruamentos irregulares e baixa qualidade ambiental das moradias (pouca iluminação e ventilação natural).



Figura 3 Foto aérea do Boqueirão, 2004 (Fonte: Geosampa. Acesso em janeiro de 2018.)



Figura 4 Foto aérea do Boqueirão, 2017 (Fonte: Google Earth. Acesso em fevereiro de 2018.)

De acordo com o Censo realizado pelo IBGE, que consta nos portais da Sinopse por Setores e do Geosampa, a população residente na comunidade do Boqueirão subiu de 846 para 4045 moradores, em 10 anos⁵.

ID	AREA_M	CODSETOR	POPULACAO
6210	51160.02	355030827000013	846

Figura 5 Censo 2000. Total de 846 moradores. (Fonte: IBGE e Geosampa)

ID	AREA_M	CODSETOR	POPULACAO
9024	17551.36	355030827000152	372
9025	8766.68	355030827000149	585
9026	14207.07	355030827000013	1204
18638	18610.20	355030827000151	1884

Figura 6 Censo 2010. Total de 4045 moradores. (Fonte: IBGE e Geosampa)

⁵ Comparação entre os índices de 2000 e 2010.

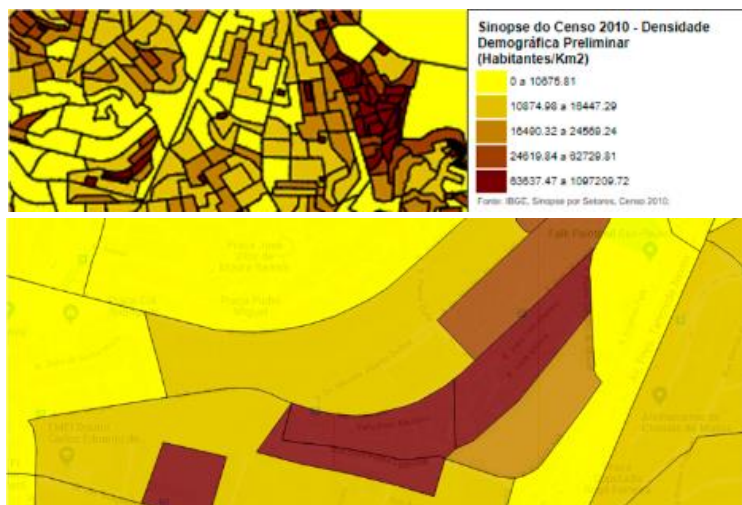


Figura 7 Densidade Demográfica Preliminar (hab./km²), Censo 2010. No primeiro mapa vemos como os índices do Boqueirão são semelhantes aos de Heliópolis, à direita no mapa. No segundo mapa, com o Boqueirão ao centro, vemos o contraste de sua Densidade Demográfica com a do entorno. (Fonte: Sinopse por Setores, IBGE. Acesso em dezembro de 2017.)

A grande demanda por moradia na área faz com que as densidades construída e habitacional sejam elevadas. Cada parcela da gleba é ocupada por moradias, gerando uma escassez de espaços livres e de qualidade. A ocupação irregular da comunidade gera consequências como a inexistência de um endereço formal das residências, assim como retratado pelo personagem Misael em Epístola.⁴⁰ “mas não chega carta aqui. O carteiro não entra nessas vielas. Aqui sequer temos um

endereço postal, um nome de rua” (BORGES, 2016, p.50).

Isso acontece porque a questão do endereço está atrelada ao loteamento da quadra e ao cadastro do contribuinte, o que restringe essa denominação à chamada cidade formal. Em outras palavras, cada imóvel possui um código que o identifica e seu respectivo endereço oficial.

No caso de comunidades que surgem a partir de ocupações irregulares, esse loteamento não é previamente realizado pelo poder público, não possibilitando que os imóveis construídos possuam seu número de cadastro e, conseqüentemente, um endereço postal. De acordo com Maricato (1996, p. 21):

Grande parte das áreas urbanas ocupadas não existe nos cadastros municipais. No município de São Paulo, cidade-núcleo da área metropolitana, havia em 1989, aproximadamente 30.000 ruas ilegais que, portanto, não tinham nome, o que não dava direito aos moradores (em sua maioria de loteamentos ilegais) de terem sequer endereço.



Figura 8 Diagrama Cheios x Vazios. Ao centro, vemos a densidade da ocupação do Boqueirão e suas vias irregulares. (Base do mapa: Geosampa. Acesso em abril de 2018.)

A autoconstrução

Assim como na maioria dos casos de ocupação irregular, as primeiras residências no Boqueirão foram construídas com materiais mais baratos e de efeito imediato de construção, como placas de compensado, para mais tarde surgirem casas mais estruturadas como as em bloco cerâmico. É o chamado processo de autoconstrução.

Diferente da moradia unifamiliar tradicional, essas casas são sublocadas. É comum que aconteça o aluguel de

cômodos ou pavimentos independentes (BONDUKI, 2002) e “o lote vira um novo tipo de cortiço”.



Figura 9 A autoconstrução é um processo muito presente nas comunidades. Escadas externas que acessam o pavimento superior muitas vezes indicam que nele mora outra família. Foto da autora, março de 2018.

Muitos são os nomes usados para designar essa forma de construção: casas domingueiras, casas de periferia, casas próprias autoconstruídas, casas de mutirão. A característica básica, porém, é serem edificadas sob gerência direta de seu proprietário e morador: este adquire ou ocupa o terreno; traça, sem apoio técnico, um esquema de construção; viabiliza a obtenção dos materiais; agencia a mão de obra, gratuita e/ou remunerada informalmente; e em seguida ergue a casa. (BONDUKI, 2002, p.281)

Para a obtenção da moradia é necessário que o interessado gaste, além do custo com materiais e terreno (obtido ou alugado), sua força de trabalho (BONDUKI, 1979). Ou constrói-se a casa por conta própria, ou faz-se hora extra para pagar os serviços do pedreiro. De uma forma ou de outra, obter a moradia depende da força de trabalho do interessado, de aumentar essa jornada de trabalho. O que Bonduki explica, se baseando em estudo de caso de uma comunidade em Osasco e que pode ser aplicado em demais cenários, é:

A autoconstrução da casa própria e as horas-extras significam concretamente um consumo da força de trabalho, uma não reposição da energia gasta no trabalho cotidiano. O resultado é a diminuição do ciclo produtivo do trabalhador e da fertilidade de sua força de trabalho, desgaste esse que a propriedade da moradia jamais consegue recuperar. Não é por acaso que uma parcela bastante reduzida da população moradora em Osasco, apenas 8,4% do total, tem mais que 50 anos. (1979, p. 58-59)

Com base nos dados da pirâmide etária de um dos setores da Comunidade do Boqueirão (figura 10), podemos ver que há uma expressiva diferença entre seus índices e os correspondentes aos do distrito do Cursino como um todo (caracterizado como de maioria da população inserida na classe média-alta). Isso vai ao encontro do que é dito por Bonduki a respeito do esgotamento de vitalidade do trabalhador.

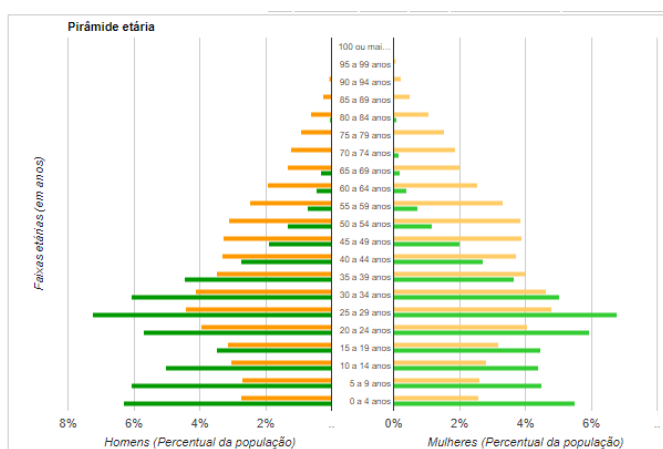


Figura 10 Pirâmide etária comparativa entre os índices do setor mais populoso da comunidade (verde) e do distrito do Cursino (amarelo). No distrito do Cursino, com bons indicadores sociais, há uma parcela da população que supera os 80 anos de idade. Quanto ao Boqueirão, o afunilamento da pirâmide a partir dos 40 anos mostra que a maioria da população é composta por jovens, sendo raros os casos de residentes com 60 anos ou mais. (Fonte: Sinopse por Setores, IBGE. Acesso em dezembro de 2017.)

O risco do despejo

A ocupação desses lotes na cidade e a autoconstrução, tornam possível conquistar o direito à moradia, ainda que precário. Precário por conta das condições ambientais e pela falta de garantia de um futuro naquela moradia. Ações de despejo são um perigo iminente. Como dito pela personagem Macabéa em Epístola.40:

Os barracos serão derrubados – continua a dizer Macabéa. Alegam que é um terreno particular. Os donos acionaram a justiça e pediram a reintegração de posse. Essa gente de favela que saia daqui e devolva o que nunca foi dela: o direito de morar. (BORGES, 2016, p.51)

O temor pelo despejo é justificável, afinal mesmo uma comunidade recente como o Boqueirão já sofreu com ações de reintegração de posse. A última delas ocorreu em maio de 2011, com a justificativa do risco de enchentes ou desabamento das moradias às margens do córrego. Aconteceu assim como disse a personagem Macabéa “a tropa avança sobre restos de piso, azulejo morto” (BORGES, 2016, p.13), onde antes havia casas

passa a existir escombros. Comparando as figuras 11 e 12, a seguir, tem-se noção da quantidade de moradores afetados por esse despejo em 2011.



Figura 11 Foto aérea do Boqueirão, 2011. Moradias ainda à beira do córrego. (Fonte: Google Earth. Acesso em fevereiro de 2018.)



Figura 12 Foto aérea do Boqueirão, 2012. Parcela de casas à beira do córrego já retirada. (Fonte: Google Earth. Acesso em fevereiro de 2018.)

Rua como extensão da casa

Em áreas com altos índices de vulnerabilidade social, para Silva, a dinâmica urbana é mais intensa, e podemos inclusive observar que “há crianças brincando fora de casa” (2016, p. 163). Geralmente, bairros na periferia são locais onde o hábito de se locomover a pé é comum. As casas possuem quintais pequenos, os vizinhos conversam entre si (SILVA, 2016). Essa dinâmica urbana, para Silva (2016, p. 163) “propicia uma sensação de segurança que permite que, ao menos em áreas próximas de suas casas, as crianças andem e brinquem sozinhas com certa autonomia”.



Figura 13 Crianças brincando na rua. Foto da autora, março de 2018.

Segundo Ab’Saber (2004, p. 479) é por conta da falta de espaços públicos para lazer na periferia que os moradores, principalmente as crianças, praticam o convívio nas próprias ruas e calçadas. Karla Alvarez ressalta a mesma ideia ao dizer que:

Dada a essa escassez de espaços adequados ao convívio do cotidiano habitacional, a rua acaba se constituindo como um prolongamento da casa, espaço de recreação infantil e de encontros de vizinhança, sobretudo das mulheres, crianças e adolescentes. (ALVAREZ, 2008, p.50)

A rua assume o caráter de espaço de extensão da casa, não no sentido privado pertencente à moradia, mas como local de práticas sociais atreladas ao cotidiano. A rua nas comunidades é um importante espaço público, lugar de lazer e ócio. Um local de encontro.

Nessas áreas habitadas da periferia, sejam elas favelas, ocupações ou conjuntos habitacionais, a população cria vínculos com o local a partir da apropriação dos espaços livres. Isso acontece ao usarem a rua como espaço de convivência e ao implantarem um campo de futebol na

comunidade (ALVAREZ, 2008), constantemente um dos únicos equipamentos para prática esportiva e recreacional nestes lugares.

Ao encontro dessa ideia, Ab’Saber (2004, p.470) escreve que essas glebas ocasionalmente livres são os únicos “espaços factíveis para o esporte preferido dos jovens”, o futebol, que se manifesta nesse “espaço público polivalente e de elevado interesse comunitário” (AB’SABER, 2004, p.470), o campinho de futebol.

Mais do que espaço para a prática do futebol, funcionam como uma verdadeira praça informal para a comunidade. Por serem um dos únicos vazios nesse tipo de território, são nos “campinhos” que as crianças brincam de correr ou andar de bicicleta.



Figura 14 Boqueirão, 2018. O campo de futebol se destaca no meio da ocupação. (Fonte: Google Earth. Acesso em maio de 2018.)



Figura 15 Campo Arena Belenense, no Boqueirão, durante partida de futebol Foto de Willians Pereira, julho de 2017 (extraída do Google Maps em março de 2018)



Figura 16 Campo Arena Belenense, menino andando de bicicleta e cachorro. O campo é o que resta de área livre na comunidade, servindo tanto para jogos como para brincadeiras e lazer. Foto da autora, setembro de 2017.

Sobre o direito do brincar

No portal da Fundação Bernard van Leer, que atua no Brasil desde a década de 1980, vemos que uma de suas missões é justamente “melhorar as oportunidades para crianças que crescem em circunstâncias de desvantagem social e econômica”, ou seja, crianças em situação de vulnerabilidade social. Uma das ações dessa Fundação foi o desafio “Urban95”, que parte da seguinte questão: como seria projetar e pensar uma cidade a partir do campo de visão de uma criança de 3 anos (aproximadamente a 95cm do chão). Com base nesse pensamento, arquitetos, urbanistas, engenheiros e líderes de governo, de diversos países, deveriam estabelecer uma metodologia de projeto urbano voltado para crianças que pudesse ser replicável em outros lugares. Criar um ambiente saudável e propício para o desenvolvimento das crianças pode resultar em uma

sociedade menos violenta e mais próspera, o que foi e continua sendo provado pelas ações e projetos da Fundação Bernard van Leer e seus parceiros. Outra ONG que também possui projetos no Brasil é a IPA - International Play Association -, cuja missão é “promover, proteger e preservar os direitos de crianças e adolescentes de terem oportunidades para brincar e livre acesso à cultura e ao lazer” (Portal IPA Brasil). Através de cursos de capacitação para Agentes e Mediadores do Brincar, para que esses profissionais ofereçam às crianças oportunidades lúdicas de qualidade, e também projetos como o “Brincando”, que estimula a cultura do brincar em espaços públicos da cidade, a IPA Brasil promove a defesa dos direitos da criança e do adolescente.

Essas ONGs não atuam diretamente no Boqueirão, mas são exemplos que comprovam que a ideia de promoção do direito do brincar é algo necessário para o desenvolvimento das crianças. Na comunidade do Boqueirão, graças a outros agentes, principalmente a

UNAS (União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região), esse direito é promovido.

UNAS (União de Núcleos, Associações dos moradores de Heliópolis e Região)

Com a missão de “contribuir para transformar Heliópolis e Região num bairro educador, promovendo a cidadania e o desenvolvimento integral da comunidade”⁶, a UNAS (União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região) surgiu em 1978 na comunidade de Heliópolis e hoje atua também em outros pontos da região, incluindo a Comunidade do Boqueirão.

Pautada pelos valores de autonomia, responsabilidade, solidariedade, além de princípios como “tudo passa pela educação”⁷ e “escola como centro de referência na comunidade onde está inserida”⁸, essa entidade sem fins lucrativos realiza projetos em Heliópolis e comunidades próximas. Esses projetos são classificados com base no foco da ação, havendo ações voltadas para

⁶ Citação encontrada no portal da UNAS

⁷ Idem

⁸ Idem

educação, assistência social, empreendedorismo, cultura, esporte, saúde, moradia, comunidade LGBT e juventude. Eleita em 2017 como “Melhor ONG do Brasil” na categoria de desenvolvimento local, a UNAS hoje impacta diretamente mais de 12 mil pessoas por mês, através dos seus 50 projetos sociais.

A UNAS também promove ações e encontros mensais do Movimento de Mulheres de Heliópolis e Região, do Movimento LGBT: O Grito de Diversidade, do Movimento Sem Teto de Heliópolis e Região, do Movimento de Juventude: Fala Jovem e do Movimento Negro. Esses movimentos, cada qual com seu público alvo, promovem debates e ações, visando mobilização social para reivindicação de direitos e organização de políticas públicas para serem implantadas na área. Esse tipo de ação vai ao encontro do objetivo da UNAS de contribuir para a organização dos moradores da região, promovendo cidadania e inclusão social, além de melhoria da qualidade de vida da população, por meio de parcerias e mobilização social.

O índice de crianças e jovens em áreas de vulnerabilidade social costuma ser bem expressivo e não é diferente na Comunidade do Boqueirão. Por conta disso, vale destacar que no Capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente, a respeito do direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, é dito que:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho⁹.

Esses ideais são seguidos pelas ações da UNAS, que coordena 3 projetos no Boqueirão: CEI¹⁰ Patativa do Assaré, programa “Violência aqui não entra não” e CCA.

CCA (Centro para Criança e Adolescente)

Os CCAs são pensados para o desenvolvimento de atividades com crianças e adolescentes de 06 a 14 anos e onze meses, tendo como foco a criação de espaço de

⁹ Art. 53 da Lei nº 8,069 de 13/07/1990 (ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente)

¹⁰ Centro de Educação Infantil

convivência, que atenda aos interesses e demandas dessa faixa etária.¹¹

As atividades devem ser lúdicas, culturais e esportivas como formas de expressão, interação, aprendizagem, sociabilidade e proteção social desses jovens. Além disso, deve estar apto a atender crianças e adolescentes com deficiência, retiradas do trabalho infantil e/ou submetidas a outras violações de direitos, com experiências que ajudem a ressignificar vivências de isolamento e criar experiências que contribuam com a sociabilidade e previnam situações de risco social.

Esses Centros atendem crianças e adolescentes em situação de trabalho, reconduzidas ao convívio familiar após medida protetiva de acolhimento e jovens em situação de vulnerabilidade social.

O objetivo dos CCA é oferecer proteção social a essas crianças e adolescentes por meio do desenvolvimento de suas potencialidades, estimulando a conquista da autonomia, protagonismo e cidadania, por meio do

¹¹ De acordo com informações de entrevistas e visitas ao local.

fortalecimento dos vínculos com a família e a comunidade.

Mais do que um simples centro de recreação, o intuito dos CCAs é formar cidadãos ativos, que tenham consciência da sua importância na sociedade. Por isso, além do estímulo com manifestações artísticas, culturais, esportivas e de lazer, também incentivam o ato da reflexão e comunicação, oportunizando o exercício da crítica da realidade e da cidadania. O desenvolvimento de atividades intergeracionais propiciam trocas de experiências que fortalecem o respeito e os vínculos comunitários.

O serviço funciona de segunda a sexta-feira, por período de 8 horas diárias divididas em dois turnos de 4 horas e é administrado por entidades/organizações sem fins lucrativos, como a UNAS.

Os espaços devem ter salas de atendimento individualizado, para garantir privacidade dos usuários e estabelecer vínculos de confiança com os profissionais em serviço, salas para uso coletivo, onde possam

acontecer atividades em grupo. Também são necessárias instalações sanitárias, além de cozinha e refeitório para elaboração das refeições e lanches oferecidos às crianças e adolescentes no decorrer do dia.

O trabalho dos profissionais do CCA vai além do contato direto com as crianças nas atividades, pois também há visitas domiciliares às famílias para acompanhamento do desenvolvimento da criança. Os profissionais, incluindo educadores e assistentes sociais, auxiliam com a mediação de conflitos por meio de diálogo e compartilham outras formas de pensar e agir quando se trata da educação de uma criança. Através de acolhida e escuta os profissionais orientam as famílias quanto ao problema em questão e até mesmo encaminham para o serviço que atenda à demanda do momento, informando à família que providências tomar e qual lugar procurar caso haja algum problema de saúde ou necessidade de ajuda financeira do governo, por exemplo. Fornecendo informação os profissionais do

CCA ajudam essas famílias a se apropriar dos recursos do território e reivindicar por seus direitos como cidadãos.

São 11 os CCAs geridos pela UNAS, sendo que o mais próximo do Boqueirão, voltado para os jovens dessa comunidade, é o CCA Izaura Maria da Conceição, na Rua Dom Macário, inaugurado em 2013.

Apesar da falta de espaços adequados para a realização de cada atividade, como a ausência de local para que aconteçam as aulas de teatro ou de quadra para prática de esportes, os educadores e funcionários do CCA desenvolvem as mais diversas atividades com os jovens.



Figura 17 CCA Izaura Maria da Conceição. Foto da autora, agosto de 2017.

Núcleo Macabéa (grupo de teatro)

Com nome inspirado na personagem Macabéa de Clarice Lispector¹², o Núcleo Macabéa é um grupo teatral que realizou performances pelas ruas do Boqueirão pautadas em poesia e música.

O grupo surgiu em 2011 e se apresentava pelas vielas e casas da comunidade do Boqueirão, em um experimento cênico de proferir poesias em movimento, andando pela comunidade. Caracterizados como nordestinos, criando uma relação de empatia dos moradores devido à origem da maioria ser essa, os atores encenavam a peça “Chão e Silêncio” nas próprias ruas da comunidade ou até mesmo dentro das casas, estabelecendo uma relação de companheirismo com os habitantes da região.

[...] o teatro ganha, além de sua dimensão de educação estética, a dimensão sócio-política por possibilitar o acesso da maioria da população a bens simbólicos restritos apenas as classes dominantes, desencadeando um processo de democratização da cultura e a ampliação da cidadania. (TELLES, 2003, p.66)

¹² Referente ao romance “A hora da Estrela”, que conta a história de moça nordestina, Macabéa, quando se muda para o Rio de Janeiro.

O grupo estabeleceu residência artística no Boqueirão e por lá ficou 7 anos, performando temas a respeito daquela realidade, como a vida do migrante ao chegar em nova cidade e sua procura por moradia.

Em 2016, o diretor do grupo, Rudinei Borges, escreve uma peça intitulada “Epístola.40, carta [des]armada aos atiradores”, baseada em histórias dos próprios moradores da comunidade do Boqueirão. A peça, que se tornou livro, conta a história de uma família que vivia no Nordeste, desde sua chegada a São Paulo até o despejo na comunidade em que viviam (Boqueirão).



Figura 18 Núcleo Macabéa na peça "Chão e Silêncio" (2012), de Rudinei Borges (ao centro). Fonte: portal do Núcleo Macabéa.

Comunicação e cidadania

Segundo Telles, “o processo de conscientização dos oprimidos faz-se necessário” (2003, p.67). Os oprimidos nesse caso são os moradores do Boqueirão, vivendo na cidade de São Paulo, mas não considerados como pertencentes a esse meio, quase que vivendo em uma realidade própria. Ao implantar projetos na comunidade e dar voz a seus habitantes, a UNAS entende que isso é um importante passo na conquista por direitos como a cidadania. As atividades realizadas com as crianças no CCA, como as rodas de conversa onde cada jovem tem o direito de se expressar, são o tipo de exercício essencial para a construção do cidadão, mesmo que ainda na infância.

[...] Freire defende a ideia de que o processo educacional deva abrir um diálogo, no intento de colocar o educando frente à sociedade para que se conscientize de seu papel e contribua para a transformação da estrutura social opressora (TELLES, 2003, p.67)

Ao atuar com suas peças dentro da própria comunidade do Boqueirão, o Núcleo Macabéa dá acesso a essa população a uma manifestação cultural antes imaginada como pertencente apenas à elite. O grupo faz de sua performance artística um manifesto à democratização da cultura. Além disso, como não atuavam em palco, com a tradicional separação público-atores, o Núcleo Macabéa se aproxima da proposta teatral de Augusto Boal, conhecida como Teatro do Oprimido (TELLES, 2003).

Essa proposta teatral consiste em uma crítica ao teatro tradicional, sendo um “instrumento de libertação das classes dominadas” (TELLES, 2003, p.67). Por meio do teatro o público consegue reconhecer os problemas vividos na sua realidade e refletir a respeito, pois se identifica com os personagens, “é uma ação cultural onde a arte não comenta a vida, mas participa dela” (TELLES, 2003, p.71)

O que seria da comunidade sem as pessoas que dela participam? Isso vai além dos próprios moradores do Boqueirão, pois também compõem esse cenário profissionais e até mesmo artistas.

Com o intuito de ter uma amostra da relação de cada uma dessas pessoas com o Boqueirão, cada conversa abordou tópicos distintos. Todos atuam na área de alguma forma, são agentes que constroem essa realidade. Seus nomes? Maria (moradora da comunidade), Patrícia (funcionária do CCA) e Rudinei (diretor do Núcleo Macabéa).

Nesse capítulo, assim como fez Renzo Cassigoli com Renzo Piano no livro *“A Responsabilidade do Arquiteto”*, o que seguem não são entrevistas propriamente ditas, mas sim conversas. A partir desses diálogos surgiu essa série de relatos livres, transcritos tais qual proferidos por seus locutores.

Maria Aparecida Fernandes, 49

Moradora do Boqueirão

Pode falar seu nome e de onde veio? Meu nome é Maria Aparecida, nasci em Minas, Itabira. Vim direto de Minas pra São Paulo. Casei, separei e depois vim pra cá pro Boqueirão. Eu namorava um rapaz e ele me trouxe aqui pra conhecer. Conheci e comprei um barraco.

Nesse barraco eu fiquei até desmancharem. Fiz uma casa até, porque, mesmo na beira do rio, a gente acha que vai ficar. A gente não fica, mas acha que vai ficar.

Nesse barraco eu fiquei até desmancharem.

Fiz uma casa até, porque, mesmo na beira

do rio, a gente acha que vai ficar. A gente não fica, mas acha que vai. Hoje eu penso assim: enquanto não for meu e eu não tiver a escritura, eu não coloco um bloco. Porque não é meu. Todo dinheiro que eu tinha, todo dinheiro que eu pegava, eu aplicava naquela casa. Então eu fiz uma casa de sala/quarto/cozinha, com laje batida pra fazer pra cima. Desmancharam. Aqui eu já devo ter

me mudado umas 20 vezes nesses 16 anos. Quando eu morava lá embaixo, na primeira casa, eu fiquei mais tempo, lá eu fiquei uns 9 anos.

Vocês fazem alguma reunião de moradores?

Antigamente no comecinho da comunidade a gente fazia reunião no CCA só que agora não faz mais. Agora quando tem reunião aqui da Associação, aí faz a reunião lá embaixo depois da Avenida, da Tancredo Neves.

Então o espaço não é de vocês? Não, é emprestado.

Por que as reuniões pararam de acontecer nesse CCA?

Tinha umas freiras lá que tomavam conta. Agora acho que elas não estão mais nesse projeto, não tomam conta mais. ***Então o CCA nem sempre foi gerido pela***

UNAS? Ah não, esse é outro. O da UNAS só atende as crianças daqui da comunidade, que vão pra lá pra sair da rua, ficar lá depois da escola. Quando tem reunião da comunidade, eles usam esse espaço que eu falei que é lá embaixo, mas é da Prefeitura. ***Onde vocês se reuniam***

não é o CCA da Dom Macário? Não, era o perto da praça. Mas hoje está desativado, tem mais nada lá,

fechou tudo. O prédio tá lá jogado, sem usar. Tem só os “nóia” fumando maconha. Tem dois espaços que nós poderíamos usar aqui: aquela casinha que era dos guardas antigamente, que virou centro de acolhimento, mas agora também tá fechado, e também tem duas casinhas pra cá, que usava pra escoteiro e outras atividades daqui. Tá tudo fechado.

Como foi a vinda do pessoal do teatro pra cá? O Rudinei fez um projeto aqui. Foi muito legal, todo mundo participou, eu fui ver eles lá no centro (eu, meu marido e minhas filhas). Quando eles tavam aqui era tão animado, tão bom. Todo sábado eles faziam reunião aqui e chamavam todo mundo pra assistir. Depois foram apresentar a peça lá no centro e ele convidou todo mundo, mandou uma van pra cá e a van levou quem quisesse ir. Antes quando eles tavam aqui eles faziam uns cangaceiros e andavam aí por toda a comunidade, o pessoal adorava. Ele é muito gente boa, ele e toda a equipe. Eu tenho contato com 4 deles.

Faz tempo que você mora aqui? Faz 16 anos.

E sempre nessa casa? Ih já mudei demais, meu Deus. Eu tinha uma casa lá embaixo, na beira do rio. Eles falam rio, mas não é rio, é um esgoto. Quando enche vira um rio. Aí a prefeitura tirou a gente de lá, acho que eram umas 350 pessoas. A gente tá há 8 anos esperando um apartamento que não sai nunca. O bom, que não é bom, são esses 8 anos que a gente recebe o auxílio-aluguel, que são 400 reais da Prefeitura. Esses 8 anos, pagando essas 350 pessoas, se eles tivessem dado nossa casa, a gente já não tava quase pagando? Porque não é de graça, a gente paga. Descontam pouco, mas descontam. Tanto que eles exigem que você trabalhe. Sem renda eles nem te dão apartamento. Isso prova que a gente paga. Por que não dão logo? Olha o tamanho do terreno que tem aqui na frente, do IPESP. Eu moro de aluguel, e aqui o aluguel é um absurdo. Ainda mais aqui na avenida que passa ônibus (Rua Dom Macário).

Como você começou a lanchonete? Eu tinha um trailer ali na frente, alugado. Aí como tava caro pagar 2 alugueis, decidi fazer a lanchonete aqui em casa. Mas to

pensando em me mudar e fazer isso tudo virar lanchonete. O dia em que eu me mudar daqui eu só levo a minha máquina de lavar e as duas televisões, o resto jogo fora. Não tenho mais nada, de tanto mudar, tudo quebra. Aí eu fico nessa, esperando o dia em que esse apartamento vai sair né? Eles falam que vão dar, mas não tem previsão de quando. Eu to desanimada com esse trabalho que eu to, eu vendo 300-400 coxinhas por dia, eu vendo bem. Mas é muito trabalho, muito cansativo. Eu faço os salgados, mas daí eu trabalho todo dia, o dia todo. Eu sou cozinheira, sei fazer as coisas, mas a gente cansa. Eu ganhava bem no outro trabalho, tinha convênio médico, vale transporte, vale refeição. Só limpava e fazia cafezinho, só de segunda a sexta. Sexta eu saía mais cedo, sábado e domingo a gente almoçava fora, saía pro forró. Eu adoro fazer o que eu faço, o pessoal ama meus salgados, mas cansa e eu não sei como fazer pra melhorar. Trabalhar por conta é difícil, todo mundo fala. Eu pensei que o retorno fosse mais rápido, mas não vem. Eu sou uma pessoa que corre atrás

da felicidade. Se eu to feliz eu continuo, se eu não to eu caio fora. Eu quero ser feliz, não quero ser infeliz. Eu não fico infeliz onde não quero. Não vou sofrer e se sofrer é só por pouco tempo. Nós somos livres, não estamos presos.

Aqui começou nos anos 90 né? Isso, aqui era que nem o terreno aí da frente. Já tentaram invadir o terreno aí da frente, mas a prefeitura vem e tira. Tem gente aqui que tem 20 casas nessa favela. Chegou primeiro, fez várias casas e aluga. A primeira pessoa invadiu, daí vende pro segundo. Invadiram e vendem.

Como foi o despejo? A nossa associação de moradores era boa. Aqui tem uma divisão, da favela aqui de cima e a lá de baixo. Acham que o pessoal daqui é melhor porque lá embaixo só tinha barraco de madeira e aqui em cima já era tudo construído de alvenaria. Aí eram duas Associações de Moradores e elas não se entendiam. Falavam pra gente lá de baixo não construir porque iam tirar a gente por ser área de risco. Mas aí eu ia ficar a vida toda morando num barraco? Que quando

chove molha tudo? Cheio de rato e de barata?! A gente melhorou pra poder morar melhor, mas quem gastou ali perdeu tudo. Pra essas casas a Prefeitura pagou 1300 reais e só. Depois nós fomos atrás, fizemos reunião, passeata, pra pedir o auxílio-aluguel. Muitos não conseguiram, porque não estavam com os documentos em dia, não tinha capacidade de correr atrás. Um vizinho meu virou mendigo na Praça da Sé, ficou sem nada. Era muito difícil alugar uma casa, tinha que ter nome limpo, renda boa e achar um aluguel pela imobiliária, porque a Prefeitura depositava o dinheiro pra imobiliária. Mas não existia casa a 300 reais. Fiador você não encontrava. Foi muito difícil. Por isso muitos passaram a morar na rua. Muitos ficaram desesperados. Por isso que eu acho que tinham que dar esses apartamentos logo. Tem gente que é muito pobre, tem muita criança e não vai conseguir pagar. Mas daí cobra de quem pode e dá de graça pra esses que não podem né? Vai morar onde? Embaixo da ponte? Tem um monte de terreno da prefeitura abandonado. Muito prédio



Figura 19 As casas às margens do córrego, na parte baixa da comunidade. Foto cedida por Maria Aparecida, início dos anos 2000.

abandonado. Tem que dar moradia pro povo. Espaço tem, eles não dão porque não querem. Quer tirar a gente da beira do rio? Primeiro faz os prédios e depois tira, não deixa a gente desamparado. Já tá tudo ocupando de novo. Tiraram a gente e deixaram o

abismo pro rio...

Outro dia uma

senhora caiu lá quando foi estender roupa no varal.

E eu posso tirar foto aqui do Boqueirão? Aqui pode, a biqueira é mais lá em cima. O pessoal só vai estranhar porque acha que você pode ser da prefeitura ou da polícia e quer denunciar.

Patrícia Ramos, 38

CCA Izaura Maria da Conceição

Pode falar seu nome e de onde veio? Patrícia Ramos, tenho 38 anos. Sou gestora e vim de São Bernardo do Campo.

Há quanto tempo você trabalha no Boqueirão? Você já trabalhava na UNAS antes de vir pra cá? Trabalho há 8 anos no Boqueirão, antes da UNAS ir pra lá. Já tinha um CCA na Comunidade do Boqueirão, mas antes era com outra instituição chamada “Brasil Gigante”, ficava nesse mesmo prédio. Eu trabalho no Boqueirão há mais ou menos 8 anos, com a UNAS vai fazer 5 anos agora em novembro que o CCA tá aqui.

Qual é a proposta do CCA? A gente trabalha com crianças a partir dos 6 anos até 14 anos e 11 meses, então são 180 crianças, 90 no período da manhã e 90 no período da tarde. São 3 salas, a sala dos menores, que é a de 6 a 8 anos, a de 9 a 11 e a de 12 até 14 anos e 11 meses, então são 3 educadores. Temos também uma criança com Síndrome de Down, então tem uma

educadora que fica especificamente com essa criança. Além disso, da gente atender essas crianças, tem um trabalho aqui dentro da gente querer mostrar a questão de bairro educador, como acontece em Heliópolis. Temos uma atividade aqui com as crianças chamada de “Círculo Restaurativo”, onde a educadora vê o que a sala está precisando no momento. Eles fazem isso uma vez ao mês. A educadora faz perguntas norteadoras e nesse círculo de construção de paz eles (as crianças) têm um entendimento da importância daquele problema, saber lidar com a situação e, com essas falas eles aprendem a passar por aquele problema e se desenvolver através dele. Aqui dentro da Comunidade do Boqueirão a gente também faz um trabalho com as famílias.

Como é esse trabalho com as famílias? A gente faz reunião, porque tem uma parceria com o projeto “Violência aqui não entra não!”, em que uma vez por mês acontece essa reunião com as famílias em que a criança tá sofrendo algum tipo de violência. Além disso temos os estagiários do Mackenzie, que fazem

atendimento psicológico em grupo com algumas adolescentes. Isso tudo pra quê? Pras crianças conseguirem ter um desenvolvimento, apesar das dificuldades encontradas.

A proposta de CCA da instituição anterior era parecida com essa da UNAS? Não... era diferente. Não tinha uma questão de PPP (Projeto Político Pedagógico), não tinha uma questão muito que pedagógica. A UNAS já vem com uma nova proposta mesmo, de desenvolvimento da comunidade, de fortalecimento das famílias né? A UNAS tem um PPP com o qual a gente trabalha, tem a missão e princípios da UNAS... Através disso que a gente desenvolve todo um trabalho que a gente tem tanto com as famílias quanto com as crianças aqui do CCA e com a comunidade geral. A gente faz atividades dentro da comunidade, a gente traz a comunidade aqui pra dentro... faz atividades aqui como zumba e capoeira à noite, pra chamar as pessoas da comunidade aqui pra dentro. A gente busca através de várias outras formas o envolvimento deles.

Qual a relação do pessoal do CCA com os moradores? A

“Qualquer coisa que acontece é sempre a gente que eles procuram. É uma relação de parceria, de respeito.”

relação dos moradores? Ah os moradores têm uma relação na qual eles podem contar com CCA né? Por exemplo, acontece qualquer coisa na

comunidade é lá (CCA) que eles procuram a gente, que eles têm mais vínculo, conversa. É como se fosse um apoio mesmo, sabe? Uma parceria mesmo. Qualquer coisa que acontece é sempre a gente que eles procuram. É uma relação de parceria, de respeito. Eles veem que a gente tá lá pra fazer a mudança, que a gente quer fazer alguma coisa pela comunidade, então eles têm todo esse entendimento. Por isso que eles têm essa procura e esse respeito com a gente.

Todas as crianças moram no Boqueirão? Ah eu diria que 90-95% são do Boqueirão, é a maioria.

Sobre a infraestrutura do CCA Izaura. O que poderia ser melhorado, o que falta? Acho que espaço né?

Estrutural mesmo. Espaço físico. Acho que é isso. Estar mais próximo, dentro da comunidade... Acho que se o CCA estivesse dentro da comunidade seria melhor. Mas o maior problema é a falta de infraestrutura mesmo.

Rudinei Borges, 35

Núcleo Macabéa

Pode falar seu nome e de onde veio? Sou Rudinei Borges. Nasci em Itaituba, Pará. Tenho 35 anos. Moro em São Paulo desde 2003.

Trabalha com o quê? Sou graduado em Filosofia. Mestre em Educação pela USP. Sou dramaturgo, poeta e ficcionista. Também diretor e pesquisador de Teatro. Publiquei os livros "Epístola.40", "Memorial dos Meninos", "Dentro é lugar longe" e "Chão de terra batida".

Fale do surgimento do Núcleo Macabéa. Fundei o Núcleo Macabéa em 2011 com anseio de aproximação com uma comunidade Periférica e inserção artística com objetivo de criação dramatúrgica e cênica a partir de

história oral de vida de moradores da favela do Boqueirão. O Núcleo iniciou com integrantes de várias partes da cidade de SP, mas já com objetivo de realização de um teatro comunitário na favela do Boqueirão.

Qual foi a trajetória do grupo? A primeira ação foram ensaios na paróquia próxima à comunidade, pois o grupo nunca teve sede. Tivemos um espaço temporário na Rua Dom Macário em 2016. Também a primeira ação foi uma oficina de teatro com jovens da comunidade. Alguns passaram a integrar o grupo. O Núcleo Macabéa é um grupo profissional em teatro que atua dentro da cena independente em São Paulo. O principal objetivo do grupo é o estudo da dramaturgia contemporânea e a criação de peças a partir de história oral de vida de várias comunidades periféricas.

Como o grupo atuava na comunidade do Boqueirão? A primeira peça foi realizada nas vielas e casas dos moradores. A peça "Chão e Silêncio" de 2012 integrou a comunidade e possibilitou que os moradores tivessem

uma proximidade com o teatro. Em 2014, também a peça "Fé e Peleja" foi imprescindível pois trazia o imaginário do sertão nordestino para dentro da casa dos

“
**A necessidade de
democratização
das artes e de ter
no teatro um
expediente de
transformação da
realidade social**
”

moradores. Em 2016, o grupo alugou uma sede e realizou residência artística de um ano na comunidade e a partir da história de vida de moradoras da comunidade contou as memórias de despejo que a

favela sofreu em 2011. Esta imersão artística resultou na peça "Epístola.40".

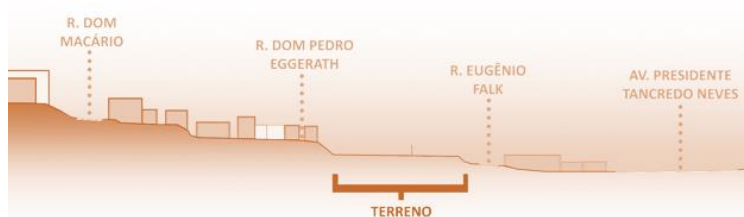
Por que o Boqueirão? A proximidade com a comunidade do Boqueirão surgiu por eu ser morador do bairro Ipiranga, localizado nas proximidades e por conhecer pessoas que já realizavam um trabalho com a comunidade. Desde o início dos trabalhos chamou a atenção o fato de o Boqueirão ser uma comunidade pequena. Esse quesito foi muito importante porque favoreceu nossa relação e diálogo com os moradores. É

necessário afirmar que a realidade social de exclusão da comunidade é nosso principal motivo de realizar um árduo trabalho com a comunidade por meia década. A necessidade de democratização das artes e de ter no teatro um expediente de transformação da realidade social é um aspecto imprescindível das opções éticas e estéticas do Núcleo Macabéa.

Essa iniciativa foi completamente independente ou teve alguma parceria? O grupo teve apoio do Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) e Fomento ao Teatro, da Prefeitura de São Paulo, para a realização de suas atividades. A atual ausência de apoio de recursos em editais públicos que apoiem o nosso trabalho nos impossibilita a continuidade do trabalho do grupo na Favela do Boqueirão.

Projeto

A partir dos estudos e vivência no Boqueirão, a escolha de intervenção projetual na área foi a de Centro Comunitário. Esse projeto foi pensado para abrigar as atividades que hoje ocorrem no CCA, além de ser um espaço que poderia ser usado pela Associação de Moradores para reuniões e como alternativa de lazer



para os moradores da comunidade.

O terreno escolhido foi o do campo de futebol existente, o Campo Arena Belenense, por ser o único terreno livre próximo à comunidade com capacidade de conter um projeto nessa escala, já que além de centro comunitário esse projeto também será um complexo esportivo, um clube da comunidade.

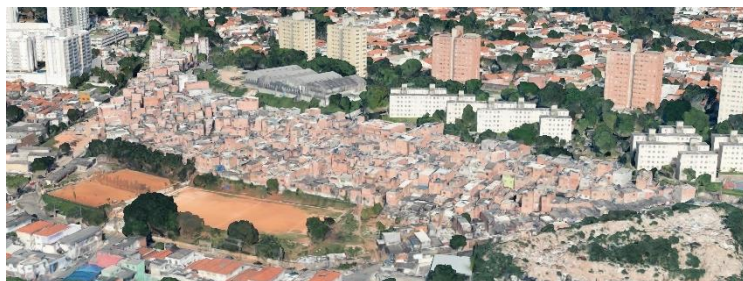


Figura 20 Foto do entorno, mostrando o vazio onde está o Campo Arena Belenense, um terreno com grande potencial na área. (Fonte. Google Earth. Acesso em agosto de 2017.)

Por conta da importância do campo de futebol no cotidiano dos moradores (conforme citado no capítulo 1), optou-se por agregar o mesmo ao projeto, sendo uma das funções desse complexo esportivo e cultural. Outros fatores foram levados em consideração na escolha do partido arquitetônico, tais como:



A escolha de utilizar estrutura pré-moldada de concreto foi devido à rapidez desse tipo de construção, pautada na modulação projetual e padronização de soluções. Todas as peças pensadas para esse projeto são múltiplas de 1,20m, sendo os vãos de 9,60m.

Dividido basicamente em térreo e pavimento superior, o edifício abriga as seguintes funções:

- Campo de futebol Society
- Quadra poliesportiva
- Piscina
- Refeitório
- Salas multiuso
- Sala de informática
- Ambulatório
- Biblioteca
- Salas de aula/oficinas (dança, música e artes)
- Administração
- Áreas técnicas e de apoio

Escadarias conectam os diferentes níveis de acesso ao projeto, criando expressivos eixos de circulação. A arquibancada do pátio funciona como local de permanência e circulação, além de ser multifuncional.

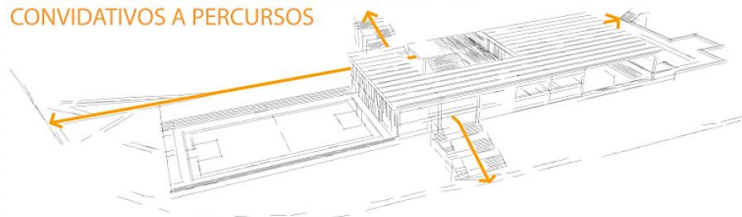
Além dos espaços construídos, a implantação de áreas verdes faz com que o local funcione como um parque para a comunidade.

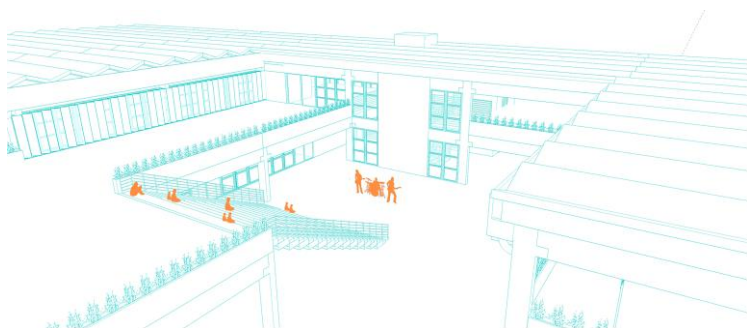
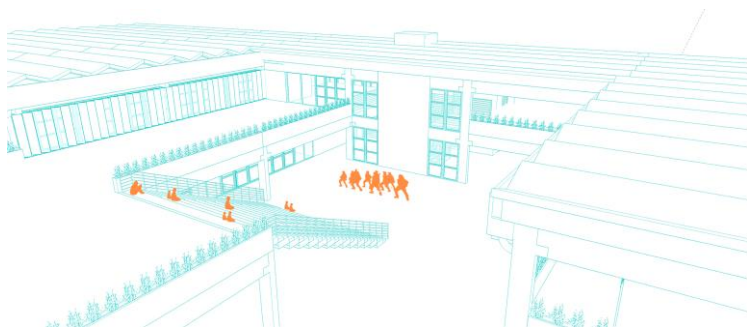
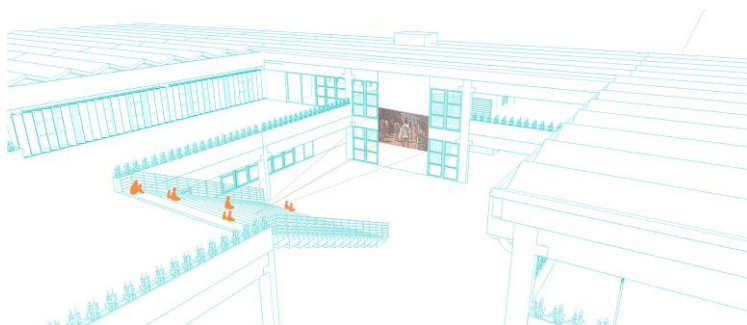
Um lugar de desdobramento de práticas esportivas, interessando às diversas preferências da comunidade, sobretudo aos jovens. Uma área de maior abrangência esportiva voltada para o futebol, voleibol, basquete, incluindo espaços para corridas, passeios em trilhas, a piscina, mas de imediato a escola de capoeira, o coral e o teatrinho comunitário. E a todos a oportunidade de iniciar a discussão dos problemas de seu bairro [...] (AB'SABER, 2004, p. 470)

ACESSOS AO CONJUNTO
ESCADARIAS CONECTAM OS
DIFERENTES NÍVEIS DO LOCAL



PERMEABILIDADE DO CONJUNTO
ÁREAS LIVRES DO TÉRREO FORMAM PÓRTICOS
CONVIDATIVOS A PERCURSOS



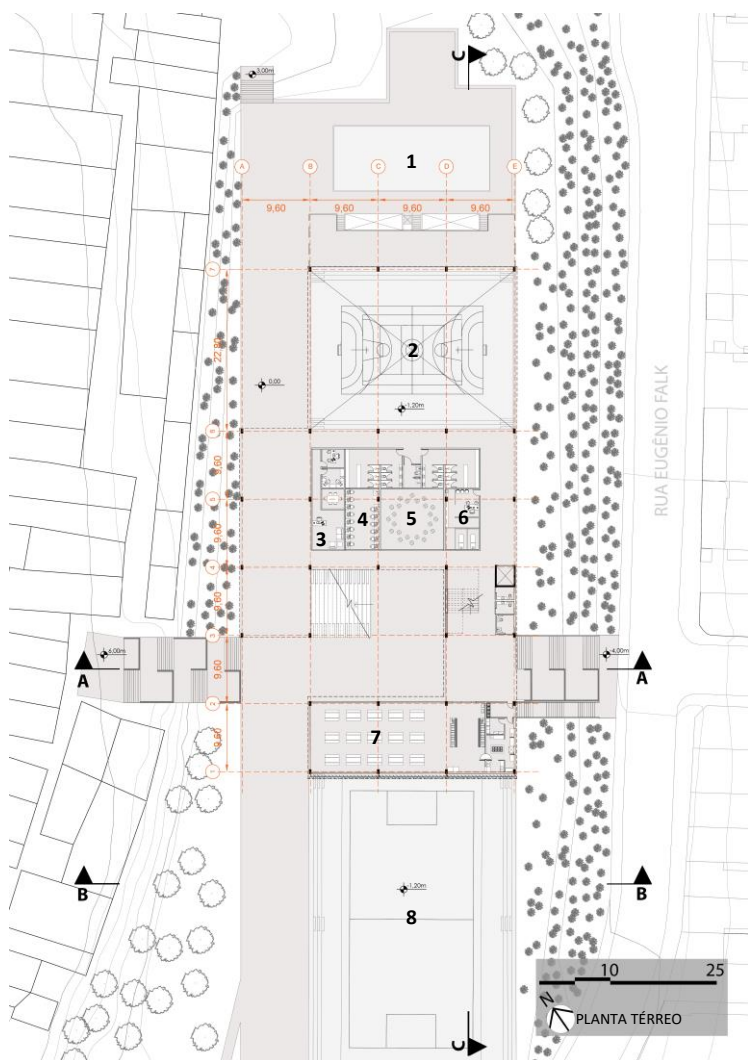


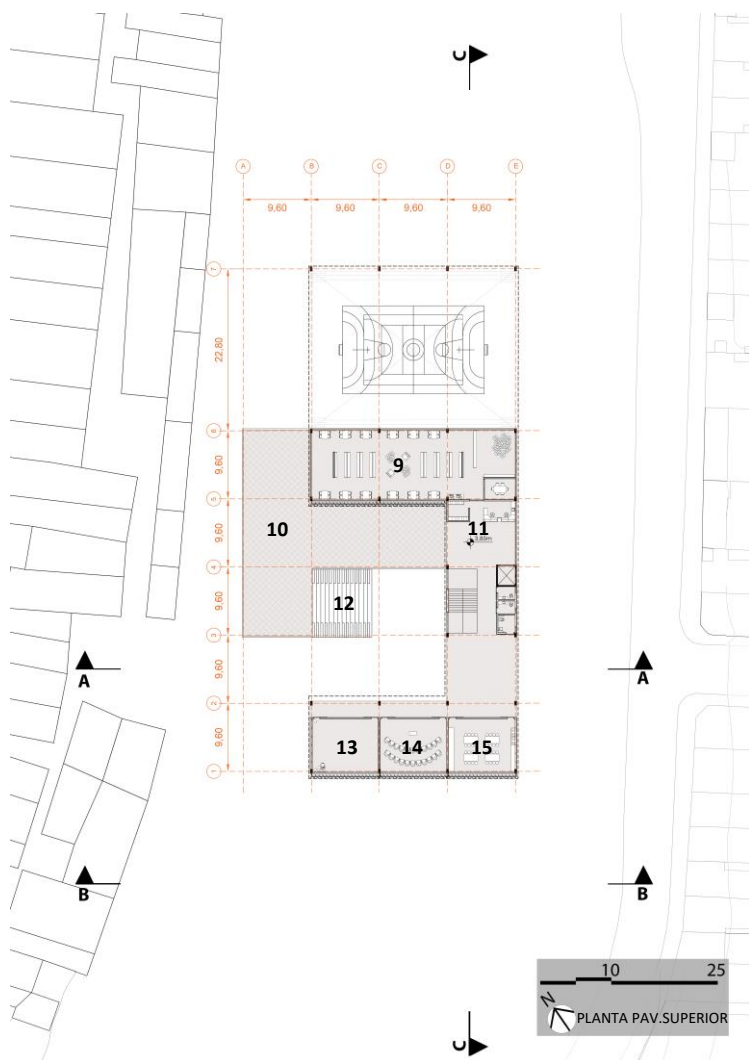






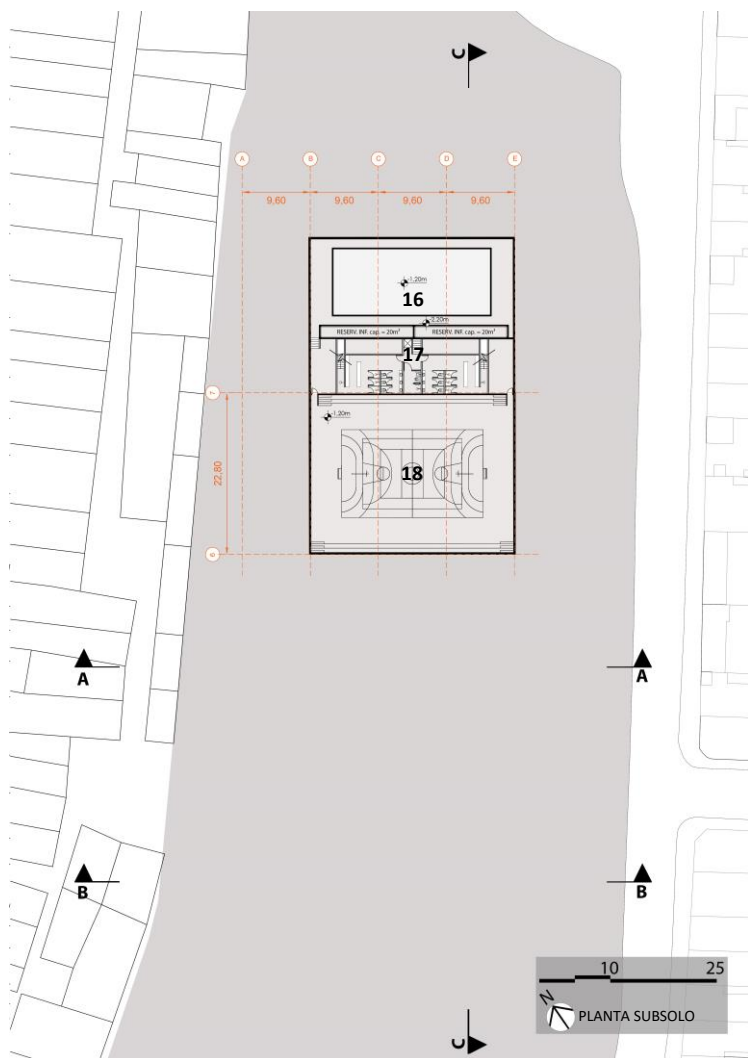






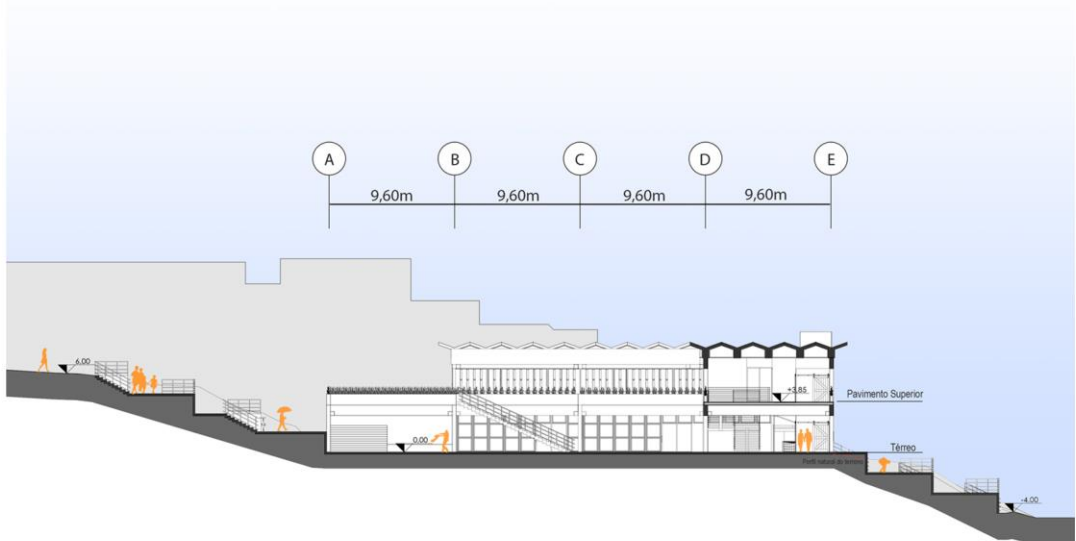
- 9. BIBLIOTECA
- 10. TERRAÇO
- 11. CONTROLE
- 12. ARQUIBANCADA

- 13. SALA DE DANÇA
- 14. SALA DE MÚSICA
- 15. SALA DE ARTES

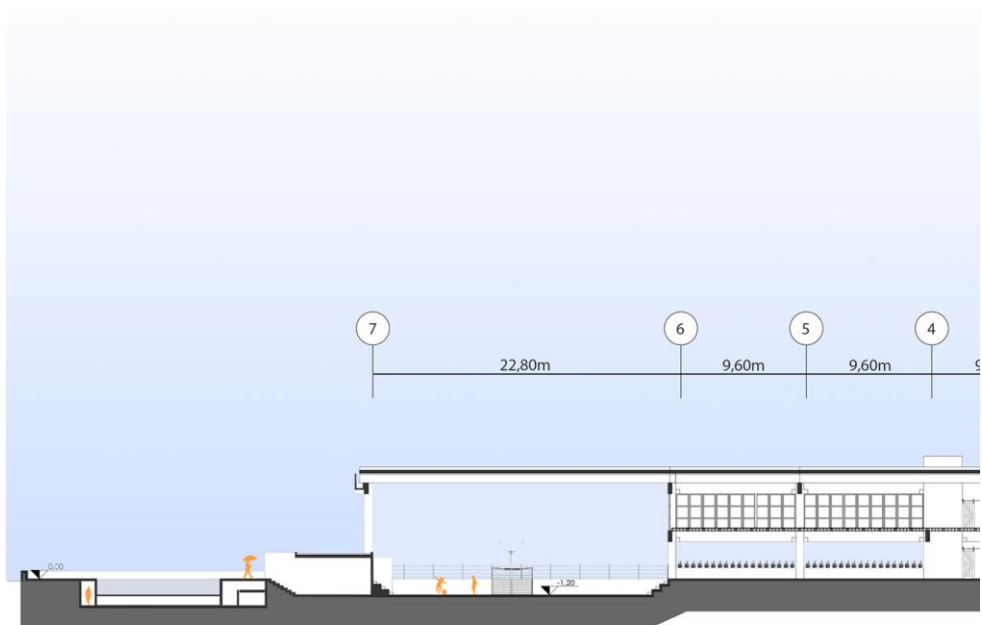


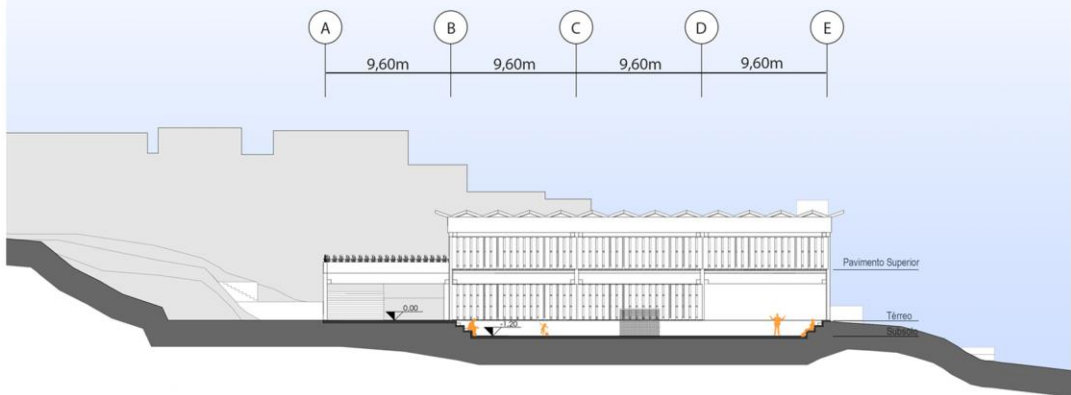
- 16. PISCINA
- 17. VESTIÁRIOS
- 18. QUADRA



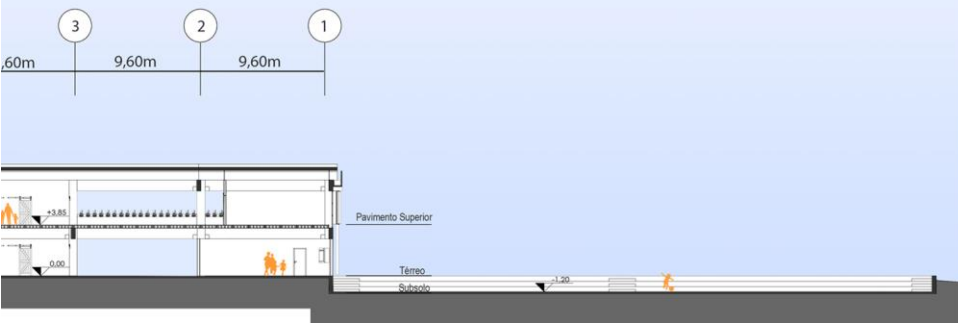


CORTE AA
10
25

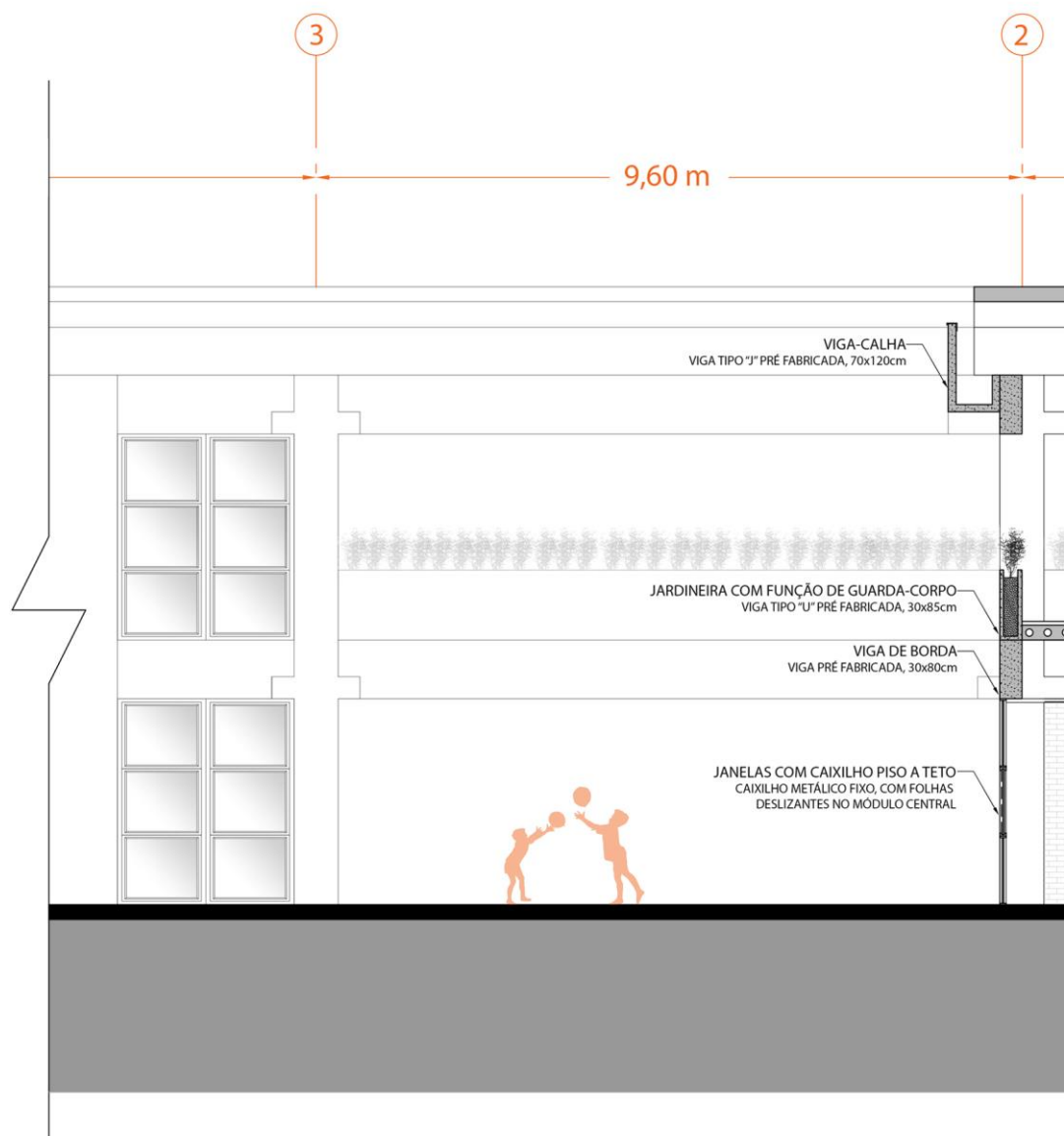


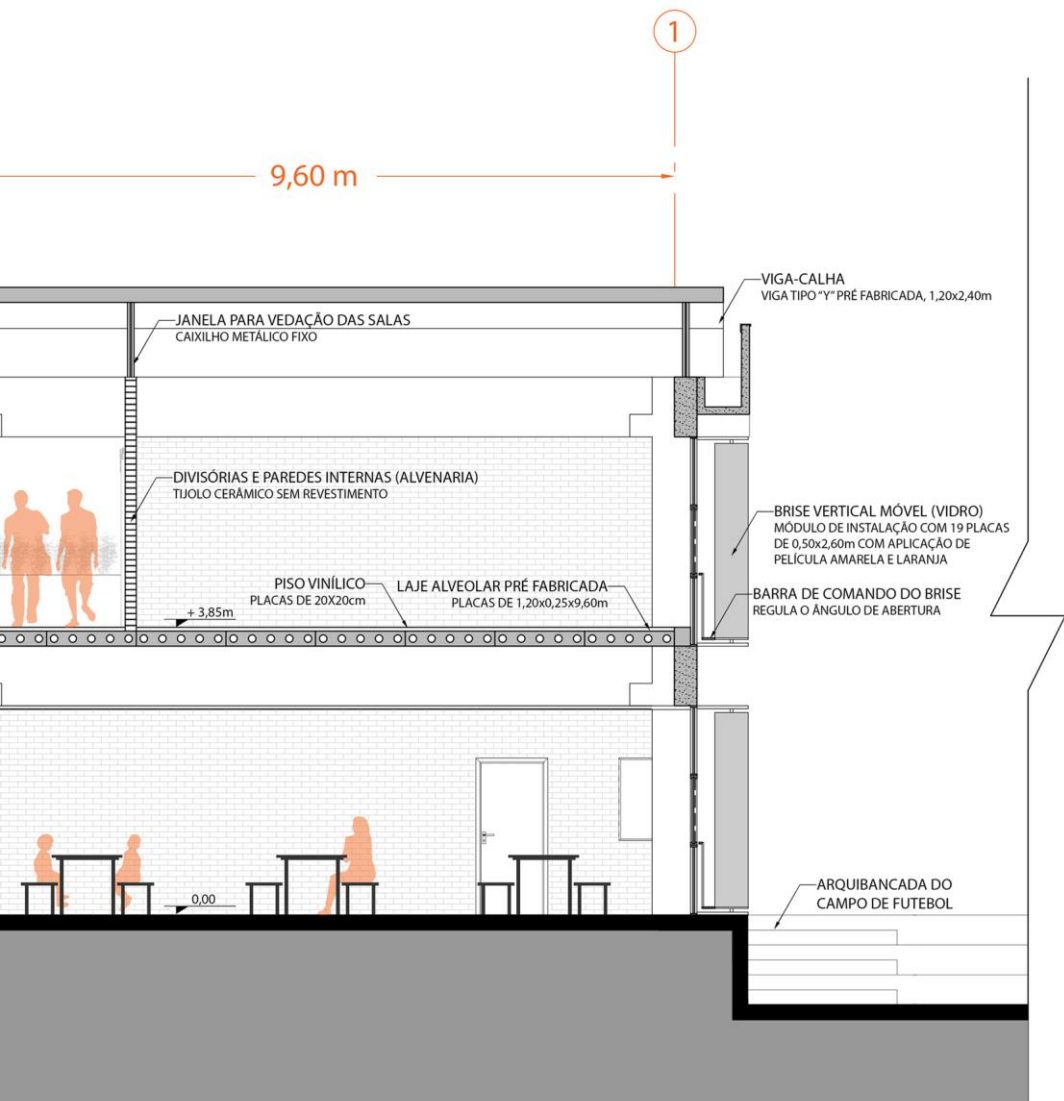


CORTE BB
10
25



CORTE CC
10
25





CORTE LONGITUDINAL AMPLIADO

0 0.5 1 5

Com o intuito de tornar o projeto mais lúdico, houve a intenção de aplicar cores nos brises. Para isso, diferente da solução convencional de brise metálico e opaco, foi adotada a aplicação de películas coloridas nos brises, feitos em vidro.

Para o controle da incidência de luz nas salas de atividades, os brises são pivotantes, com haste de acionamento que permite sua rotação no eixo. Cada sala tem a possibilidade de regular a abertura do brise de acordo com a necessidade do momento.

Para a escolha das cores, amostras de películas foram testadas. Na etapa 1, as amostras disponíveis (nas cores amarelo, âmbar, vermelho e verde) foram dispostas no vidro. Como o verde não aparentou ser diferente de um vidro convencional essa opção foi descartada, resultando na etapa 2 (apenas cores quentes). Por conta da intensidade com que a cor vermelha distorce as cores do meio externo, a mesma foi descartada. Para a etapa 3, e final, foram mantidas as cores amarelo e âmbar, por conferirem caráter diferenciado ao vidro ao mesmo tempo em que são agradáveis ao olhar. As imagens da página ao lado registram a sequência dessas etapas, sendo que a última foto é a da vista da paisagem sem aplicação de película, apenas pela janela existente no local de teste. Comparando a última foto com a penúltima, vemos que a paisagem pode ser contemplada de maneira inusitada e até divertida, com tons alaranjados.

[...] as crianças as tomam (aberturas) como janelas através das quais se vê a paisagem. (LIMA, 1989, p.76)

Teste com as películas coloridas:





Visão geral do conjunto. O escolonamento em jardins torna o desnível do terreno agradável à vista do pedestre. Escadarias conectam a comunidade à Rua Eugênio Falk, passando pelo edifício. A generosa oferta de áreas verdes também confere ao conjunto a característica de parque urbano, com áreas de descanso e contemplação. A função original de campo de futebol permanece, mas agora possui uma arquibancada.



O pátio serve como área de encontro, com uma arquibancada multifuncional que também dá acesso ao terraço do pavimento superior. Áreas livres do edifício podem assumir diferentes funções.



Nas salas de aulas e oficinas do pavimento superior, o controle da luz solar é feito pelos brises de vidro colorido. Por serem pivotantes, cada sala pode escolher o ângulo de abertura de acordo com a necessidade. As vigas da cobertura qualificam o espaço ao permitir a entrada de luz por cima.



A piscina, além dos esportes aquáticos como natação, assume também a função de equipamento de lazer. Isso contribui para que o Centro Comunitário sirva como um clube para a comunidade.

Conclusão

A pesquisa, aliada aos relatos coletados e visitas, ajudou a compreender que os fenômenos que ocorrem nas ocupações irregulares independem da escala da comunidade.

A luta por moradia, o risco de despejo, as condições precárias que os moradores enfrentam, ocorrem tanto no Boqueirão quanto em qualquer outra ocupação. Mas nem tudo é sofrimento, claro.

Apesar das dificuldades, é nesses lugares que vemos a prática da convivência e a verdadeira manifestação do significado de “comunidade”. Os vizinhos se conhecem, as crianças brincam nas ruas, as pessoas se ajudam nos momentos difíceis.

Enfim, dos movimentos sociais por luta de direitos à Maria oferecendo suas deliciosas coxinhas para uma ação do pessoal da igreja, essa população trabalha a coletividade como pouco se vê nos ambientes urbanos atuais. Um resgate inspirador de valores esquecidos.

Referências bibliográficas

AB'SABER, Aziz Nacib. **São Paulo**: ensaios entreveros. São Paulo: Edusp, 2004.

ALVAREZ, Karla Lopez Blanco. **O projeto de espaços públicos na periferia de São Paulo**: uma questão socioambiental. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BERNARD VAN LEER FOUNDATION. **About Us**. Disponível em <<https://bernardvanleer.org/about-us/>> Acesso em 01 de junho de 2017, às 18h37

BONDUKI, Nabil, Org. **Origens da habitação social no Brasil**: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BONDUKI, Nabil, Org.; ROLNIK, Raquel DLC. **Periferias**: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho. São Paulo: EDUSP, 1979. (Cadernos de estudo e pesquisa: programa de estudos em demografia e urbanização; 2).

BORGES, Rudinei. **Epístola.40**: carta (des)armada aos atiradores. São Bernardo do Campo: Lamparina Luminosa, 2016.

GEOSAMPA. **Mapa Digital da Cidade de São Paulo**. Disponível em <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>

IBGE. **Sinopse por Setores**. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/>> Acesso em 02 de agosto de 2017, às 20h14.

IPA Brasil. **Quem Somos.** Disponível em <<http://ipabrasiladm.wixsite.com/ipabrasil/quem-somos>> Acesso em 04 de junho de 2017, às 18h38.

JUSBRASIL. **Lei Lehmann.** Disponível em <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109566/lei-lehmann-lei-6766-79>> Acesso em 02 de maio, às 20h13.

LIMA, Mayumi W. **A cidade e a criança.** São Paulo: Studio Nobel, 1989.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência.** São Paulo: Hucitec, 1996.

MICHAELLIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa:** Bo.quei.rão. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/boqueir%C3%A3o/>> Acesso em 27 de fevereiro, às 10h05.

NÚCLEO MACABÉA. **Núcleo Macabéa.** Disponível em <<https://nucleomacabea.com/>> Acesso em 12 de julho de 2017, às 19h02.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem.** 5.ed. São Paulo: EDUSP, 2012

SILVA, Bianca Maria Habib. **LudiCidade:** episódios urbanos do brincar. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.

TELLES, Narciso. **Teatro Comunitário:** ensino de teatro e cidadania. Revista Urdimento. Florianópolis: PPGT-UDESC (Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina), v.1, n.5, 2003.

